

O ALEMÃO E O INGLÊS: ORIGEM E EVOLUÇÃO

Márcio José Coutinho©

RESUMO[©]

Visto serem o inglês e o alemão as duas principais línguas estudadas na disciplina de Filologia Germânica nos Cursos de Letras, o presente estudo tem por objetivo relacionar essas duas línguas, apresentando algumas semelhanças e diferenças gramaticais e lexicais existentes entre elas. Para tanto, procura-se explicar a origem e a evolução desses idiomas.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia Germânica, inglês e alemão, origem e evolução

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a apresentar algumas semelhanças existentes entre o alemão e o inglês. Um contato mais prolongado com essas línguas permite, também, perceber diferenças cruciais entre a gramática e o léxico de ambas, como, por exemplo, o fato de o alemão conservar os gêneros e os casos gramaticais perdidos pelo inglês. Estas diferenças resultam da evolução isolada de cada uma das línguas em questão, visto que ambas possuem a mesma origem. O presente trabalho divide-se em cinco partes. Primeiro, apresenta-se a definição de Filologia Germânica formulada por Bunse, tentando mostrar como os estudos da área são realizados. Segundo, aborda-se a unidade germânica, ou germânico comum, resultante da fragmentação do indo-europeu, fazendo um contraste entre essa unidade germânica e as demais línguas derivadas do indo-europeu. Terceiro, aborda-se a fragmentação do germânico comum em germânico oriental, germânico setentrional e germânico ocidental,

explicitando a quais das línguas germânicas modernas correspondem cada uma dessas derivações. Quarto, situa-se o Alemão e o Inglês dentro do contexto das línguas germânicas, dividindo em três fases o processo de evolução pelo qual passaram. Quinto, aborda-se o Alemão e o Inglês modernos, explicando cada uma dessas fases, bem como os aspectos e fatores que levaram a sucessão dessas fases.

1 A Filologia Germânica

Heinrich Adam Wilhelm Bunse conceitua Filologia Germânica, *strictu sensu*, como “a ciência que estuda as línguas e literaturas germânicas” (1983: 13). A expressão “línguas germânicas” surgiu com o critério genealógico de classificação das línguas, sendo estabelecida por Franz Bopp, em 1816, a família das línguas indo-européias.

Segundo o autor, toda classificação resulta de fatores de semelhança e diferença. Assim, pode-se agrupar línguas semelhantes e até dividi-las em subgrupos.

Quando se encontram semelhanças entre línguas em razão de certas características de sua estrutura gramatical, essas semelhanças podem ser consideradas como típicas para as respectivas línguas comparadas. Obtém-se assim, um critério de classificação: o critério tipológico. Este critério baseia-se na estrutura das línguas.

Na tentativa de agrupar as línguas conforme sua estrutura, devem ser consideradas características relevantes. Mais importantes do que as características fônicas de uma língua são as características morfossintáticas.

De acordo com Bunse, foi Franz Bopp, com sua obra "Sobre o Sistema de Conjugação do Sânscrito em comparação com o das Línguas Grega, Latina, Persa e Germânica", de 1816, o fundador da Linguística Comparada. Bopp não se apoiou na identidade de numerosas palavras ocorrentes naquelas línguas, pois, para ele, a identidade de forma não significa identidade de origem. O autor apoiou-se, porém, na identidade de um sistema de conjugação verbal.

A comparação das formas verbais do presente do indicativo do verbo ser em várias línguas indo-européias mostra o parentesco entre elas, resultante de uma origem comum (Apud BUNSE, 1983: 17).

| SÂNSCR | GREGO | LATIM | GÓTICO | INGLÊS | ALEMÃO |
|--------|---------------------|---------|----------|--------|--------|
| asmi | εσ- πι > ειμι | sum | im | am | bin |
| asi | εσ- σι > ει | es | is | are | bist |
| asi | εστι | est | ist | is | ist |
| smaś | εσμεγ | summuns | si(j)um | are | sind |
| stha | εστε | estis | si(j)uth | are | seid |
| santi | εσ-εβ- τι > ειοι | sunt | sind | are | sind |

Segundo Bunse, estas formas remontam às raízes indo-européias *AS e *BHU. Seriam relacionadas com a raiz *AS as formas do sânscrito, grego, latim e inglês; e relacionadas com a raiz *BHU, as formas do gótico, antigo inglês (beon, to be) e alemão (bin).

Para chegar a esses resultados, Bopp emprega um critério histórico-diacrônico, o *critério genealógico*, no qual duas línguas são aparentadas quando resultam de evoluções diferentes de uma língua anterior.

2 Unidade Germânica

De acordo com Bunse, o indo-europeu teria começado a se fragmentar por volta do terceiro milênio a.C. Quanto à formação de uma unidade germânica, o autor afirma:

Em fins da Idade do Bronze, isto é, entre 1200 e 900 a.C., [...] os

posteriores povos germânicos constituíam uma unidade étnica e sua língua já se tinha separado, por uma série de fenômenos lingüísticos, do resto das línguas indo-européias. Podemos agora, falar em *unidade linguística-germânica*, em protogermânico ou germânico comum (BUNSE, 1983: 23)

Bernhard Sowinski vê a desintegração do indo-europeu como um processo causado pela mistura com línguas faladas por outros povos com os quais se travavam batalhas. Segundo o autor, os povos vencedores impunham suas línguas, alterando as características das línguas dos povos vencidos:

O germânico (germânico original ou germânico comum), como

o mais antigo e abrangente estágio da língua alemã, separou-se do indo-germânico sobretudo através de uma mudança ocorrida em determinadas consoantes e vogais. A mutação dos sons pode ser observada somente através da comparação com as manifestações lingüísticas mais antigas de língua germânica e não germânica derivadas do Indo-germânico, e por isso também não podem ser facilmente datadas (este processo eventualmente se completou já no segundo milênio a. C.). Essa mutação baseia-se, como em processos similares posteriores em diferentes línguas, em processos de mistura e ajuste lingüísticos pela subjugação de povos estrangeiros, aos quais a língua dos vencedores foi imposta, alterando o caráter sonoro dessa língua na boca dos vencidos. (Sowinski, 1970: 92)¹

Bunse (1983:24-25) ressalta que o germânico comum (e também as posteriores línguas germânicas isoladas) destaca-se das demais línguas indo-européias por uma série de importantes inovações fonéticas, morfológicas, sintáticas e lexicais, entre as quais pode-se citar:

Onde as demais línguas indo-européias possuem um "o", o germânico possui um "a".

Latim → nocte Alemão →
Nacht

Onde as línguas indo-européias possuem um "a", o germânico comum possui um "o".

Latim → mater Inglês →
mother Dinamarquês → moder

- Onde as línguas indo-européias possuem um "e" nasal, o germânico comum possui "i".

Latim → ventus Inglês → wind
Alemão → Wind

Além disso, o germânico comum abandonou o acento livre do indo-europeu, fixando-o como acento de intensidade na sílaba radical, geralmente a sílaba inicial. Disso decorre um enfraquecimento das sílabas finais germânicas, de graves conseqüências para a flexão, pois levaria à redução do complicado sistema morfológico casual e verbal do indo-europeu.

Mas a mais importante inovação ocorrida é, segundo Sowinski, a primeira mutação consonantal ou mutação germânica (die Erste Lautverschiebung): "Como as mais significativas alterações sonoras do germânico em relação ao indogermânico têm sido consideradas as alterações consonânticas, as quais foram sintetizadas pela designação Primeira Mutação consonantal ou Mutação consonantal germânica (Lei de Grimm)." (SOWINSKI, 1970: 92)

Seguindo orientações de Bunse (1983:25-26), foi a primeira mutação consonantal que separou definitivamente o germânico comum do indo-europeu. Trata-se da mutação das oclusivas do indo-europeu, sendo o processo o seguinte:

a) Onde as demais línguas indo-européias apresentam uma *tenuis*, isto é, uma das oclusivas surdas do indo-europeu (p, t, k), as línguas germânicas tem uma

aspirata, ou seja, as oclusivas aspiradoras sonoras do indo-europeu (bh, dh, kh):

| LATIM | GÓTICO | INGLÊS | ALEMÃO |
|-------|--------|--------|--------|
| pater | fadar | father | Vater |
| tres | threis | three | drei |
| cor | hairtô | heart | Herz |

b) Onde as línguas indo-européias apresentam uma *aspirata*, as línguas germânicas apresentam uma *media*, isto é, as oclusivas sonoras (b, d, g):

| LATIM | GÓTICO | INGLÊS | ALEMÃO |
|--------|---------|---------|--------|
| frater | brothar | brother | Bruder |
| fores | daur | door | Tür |
| hostis | gast | guest | Gast |

c) Onde as línguas indo-européias têm uma *media*, as línguas germânicas têm uma *tenuis*:

| LATIM | GÓTICO | INGLÊS | ALEMÃO |
|--------|--------|--------|--------|
| labium | - | lip | Lippe |
| duo | twā | two | zwei |
| genu | kniu | knee | Knie |

3 Fragmentação do Germânico Comum

Segundo orientações de Bunse, o germânico comum começou a fragmentar-se por volta do século III d.C. Com isso, teriam sido formados três grupos de línguas germânicas:

- *Germânico oriental*: representado pelo gótico.

- *Germânico setentrional*: representado pelo islandês, sueco, norueguês e dinamarquês.

- *Germânico ocidental*: representado pelo neerlandês, frísio, iídiche, baixo-alemão, alto-alemão e inglês.

Tanto o alemão (no caso, o alto-alemão) quanto o Inglês pertencem ao grupo do germânico ocidental, o qual se opõe aos dois outros grupos através de certas características como (Apud BUNSE, 1983: 77):

- Queda do |u| e do |i| em posição átona após uma sílaba longa:

| INGLÊS | ALEMÃO | mas GÓTICO |
|--------|--------|------------|
| hand | Hand | hândus |

- Queda de um |z| final:

| INGLÊS | ALEMÃO | mas GÓTICO |
|--------|--------|------------|
| guest | Gast | gasts |
| gift | Gabe | gibos |

- Germinação consonantal diante de um |j|, |r| e |l|:

| INGLÊS | ALEMÃO | Mas GÓTICO | ISLANDÊS |
|--------|--------|------------|----------|
| will | Wille | Wilja | vilji |

4 O Alemão e o Inglês

Ambas as línguas, alemão e inglês, pertencem ao grupo ocidental das línguas germânicas, o que indica possuírem algumas características afins. Porém, em sua origem, não são faladas pelos mesmos povos, pertencendo o inglês aos anglos, saxões e jutos, e o alemão aos francos, alamânicos e bávaros. Além disso, o alemão e o inglês passaram por processos de evolução bastante distintos, com fatores bastante particulares.

Bunse divide tanto o alemão quanto o inglês em três fases de evolução:

| | |
|--|---|
| * Antigo alto-alemão (meados do séc. VIII a 1070) | * Antigo inglês – OE - (449 a 1150) |
| * Médio alto-alemão (1070 a 1350) | * Médio inglês – ME – (1150 a 1400) |
| * Moderno alto-alemão 1350 a 1650 650 até atualidade | * Inglês moderno – MI – (1400 até a atualidade) |

5 A Evolução do Inglês

5.1 O Antigo Inglês

Bunse afirma que o antigo inglês difere do Inglês moderno em grafia, pronúncia, estrutura gramatical e vocabulário. O autor ressalta, porém que a diferença fundamental em relação ao moderno inglês é que o antigo inglês é uma língua essencialmente sintética, representando, ainda a estrutura do germânico comum.

No domínio da morfemática, o antigo inglês possui um sistema com quatro casos. O sistema de gêneros não depende da noção de sexo, prevalecendo o gênero gramatical. Geralmente, as palavras que designam o macho são masculinas e as que designam fêmea, femininas; mas as que não designam nenhum dos gêneros não são necessariamente neutras.

Na morfemática, o antigo inglês apresenta ainda as seguintes características.

- O pronome demonstrativo é totalmente flexionado;
- O adjetivo tem três gêneros e flexões completas;
- O verbo apresenta a divisão em verbos fortes e fracos.

Quanto ao léxico, de acordo com Bunse, o antigo inglês conserva do germânico os elementos básicos, as palavras gramaticais: pronomes, proposições, conjunções, verbos auxiliares e palavras que exprimem conceitos fundamentais, como *mann* (man), *wif* (wife), *hûs* (house), *stân* (stone), *drincan* (drink). O celta influenciou o léxico do antigo inglês. Porém, decisiva foi a influência do latim, devido à cristianização e à reforma beneditina; e a influência do danês (dinamarquês), devido à invasão danesa-escandinava.

Do latim entraram palavras relativas às plantas e à educação como as formas modernas: *abbot*, *angel*, *canon*, *epistle*,

cap, sock, chest, beet, pear, radish, pine, fennel, aloes, school, gramatic, verse.

Do danês, entraram substantivos como *band, crook, egg, fellow, kid, leg, race, sister, skill, window*; adjetivos como *flat, losse, low, weak*; e verbos como *die, give, take...*

A influência danesa foi muito além do léxico, afetando também a estrutura do antigo inglês, como -s da terceira pessoa do singular do indicativo presente dos verbos e, principalmente, acelerou a perda das flexões.

5.2 O médio inglês

O período do médio inglês é, segundo Bunse, uma fase de mudanças contínuas na língua, e não uma fase com características definidas. Esse processo teria começado com a conquista normanda, a qual deu início a uma nova época na história da Inglaterra e também da língua inglesa: os normandos falavam o francês que passou a ser empregado pelas classes superiores da Inglaterra.

Aos poucos grandes alterações foram ocorrendo no antigo inglês. O processo de passagem para uma língua analítica ficou concluído em 1500. Este consiste na redução das formas de flexão, devida, em parte, a mudanças fonéticas como a passagem do |m| final a |n| e posterior queda do |n|.

Também a redução de formas flexionais em -a, -u, -e, -an, -um, tanto do *verbum* quanto do *nomen*, a uma forma única -e.

Quanto ao plural, distinguem-se inicialmente as formas -s ou -es para a declinação forte e -en para a declinação fraca, permanecendo essa última por ser considerada a forma lingüística mais adequada.

Os adjetivos divididos em fortes e fracos tiveram suas formas reduzidas a uma única não-flexional.

O verbo também foi atingido pelo enfraquecimento das terminações, tendo passado o infinitivo -an (oe) para -en (me) e posteriormente para -e (mi) → *drifan* > *driven* > *drive*. Por volta de um terço dos verbos fortes do antigo inglês deixou de existir no médio inglês.

No que se refere ao léxico, houve, com a conquista normanda, perda de parte do léxico anglo-saxão e entrada de milhares de palavras latinas e francesas como: *baron, dame, noble, juggler, minstrel*.

Afinal, o inglês começa, no século XIV a recuperar seu lugar como língua geral, começando a ser usada na escola e difundida através de filósofos como Bacon (1294), Wicliffe (1384) e Chaucer (1400) e dos que passavam pela Universidade de Cambridge.

5.3 O moderno inglês

De acordo com Bunse, a língua inglesa atual resulta das evoluções anteriormente mencionadas e tem como principais características:

- Número reduzido de morfemas gramaticais, como -s, -ing, -ed, -ly, -er, -est.
- Tendência para os monossílabos: *bad, fall, good, job, need...*
- Caráter flexional pouco redundante.

A economia da língua faz com que alguns poucos morfemas gramaticais polivalentes marquem as funções e relações mais importantes. É o caso do -s e do -ing. O morfema -s é empregado como indicador do plural, como indicador do genitivo e da terceira pessoa do singular. O morfema -ing designa uma função atributiva: *the singing boy*; corresponde a uma construção gerundial do português: *The weather being fine, we went for a walk*; figura como completamente nominal: *John has the need of reading the newspaper*; funciona como nome:

Sleeping is good for people; designa o aspecto progressivo: I am learning English.

O moderno inglês tende a economizar morfemas pela possibilidade de omitir proposições ou conjunções: *The car I had bought is cheap.* Em vez de *The car that I had bought is cheap.*

Quanto ao léxico, o moderno inglês é uma língua mista. Originam-se do germânico as palavras gramaticais e vocábulos básicos, sendo grande parte das palavras lexicais oriundas do francês e do latim.

6 A evolução do Alemão

Para falar do alemão é preciso ter em mente que se trata da língua culta alemã, fixada a partir dos dialetos falados mais ao sul da Alemanha. Esses dialetos passaram por uma importante inovação lingüística que os diferenciaria dos dialetos do norte da Alemanha: a *segunda mutação consonantal* ou *mutação alemã* (die Zweite Lautverschiebung). Assim, a língua culta alemã, também conhecida como Hochdeutsch, não se separa apenas dos dialetos do norte da Alemanha, chamados de Plattdeutsch, mas também das demais línguas germânicas.

Bunse(1983:99-100) explica que a segunda mutação consonantal atingiu as oclusivas surdas germânicas |p, t, k|, que passam para africadas, além do |d| que passa a |t|.

Desse modo, pode-se observar as seguintes mudanças:

- O |p| passa a |pf| quando inicial ou final, a |ff| quando intervocálico e a |f| quando precedido de |l,r|:

| INGLÊS | NEERLANDÊS | SUECO | BAIXO-ALEMÃO | ALTO-ALEMÃO |
|--------|------------|--------|--------------|-------------|
| pound | pund | pund | Pund | Pfund |
| ape | aap | apa | Ape | Affe |
| hope | hopen | hoppa | hapen | Hoffen |
| help | helpen | hjalpa | Helpen | Helfen |

- O |t| passou a |ts|, grafado |z| quando inicial; e a |s| quando intervocálico:

| INGLÊS | NEERLANDÊS | SUECO | BAIXO-ALEMÃO | ALTO-ALEMÃO |
|--------|------------|--------|--------------|-------------|
| ten | tien | tio | ten | Zehn |
| tell | tellen | tala | ver-tellen | (er) zählen |
| better | beter | bättre | better | Besser |
| out | ut | ud | ut | Aus |

- O |k| final passa a |ĥ| (grafado ch):

| INGLÊS | NEERLANDÊS | SUECO | BAIXO-ALEMÃO | ALTO-ALEMÃO |
|--------|------------|-------|--------------|-------------|
| book | boek | bok | Buk | Buch |
| make | maken | - | maken | machen |

- O |d| passa a |t|:

| INGLÊS | NEERLANDÊS | SUECO | BAIXO-ALEMÃO | ALTO-ALEMÃO |
|--------|------------|-------|--------------|-------------|
| day | dag | dag | dag | Tag |

Essas inovações teriam ocorrido possivelmente no período compreendido entre 453 d.C. e 700 d.C.

6.1 Antigo alto-alemão

Conforme Bunse, o antigo alto-alemão situa-se cronologicamente entre 750 d.C e 1070 d.C. É considerado a fase inicial da moderna língua alemã, formada a partir da junção das antigas línguas tribais dos francos, alamanos e bávaros em uma nova unidade lingüística.

O antigo alto-alemão tende, assim como o gótico e o inglês, à eliminação de formas e a mudança da estrutura sintética para analítica. Por outro lado desenvolvem-se novas perífrases verbais analíticas para a voz passiva, o futuro, o passado perfeito e mais-que-perfeito. Permanece, contudo, um grande número de morfemas flexionais relativos aos substantivos, adjetivos e pronomes. A divisão masculino, feminino e neutro obedece ao gênero gramatical. O artigo definido não é obrigatório, pois se conservam os sufixos flexionais. Os

substantivos possuem uma declinação forte, com temas em vogal, e uma declinação fraca, com temas em consoante. Os adjetivos também possuem declinação forte e fraca.

O comparativo e o superlativo são formados com os sufixos *-iro*, *-ôro*, respectivamente *-isto*, *-ôsto*. O pronome demonstrativo é usado como artigo definido como pronome relativo.

O verbo também se divide em forte e fraco, divisão essa que se mantém na atual língua alemã, correspondendo os verbos fracos à categoria dos regulares e os fortes, a dos irregulares.

De acordo com o autor, na formação de palavras, o antigo alto-alemão emprega o princípio do indo-europeu de composição e derivação. Quanto ao léxico, o antigo alto-alemão possui inúmeras palavras de caráter religioso-espiritual. Como no antigo inglês, muitas palavras deixam de existir. Muitas foram substituídas por palavras de origem latina, como se pode observar em: *giskaft* → *Natur*, *gotehdetî* → *Religion*. Através dos monges beneditinos, que fundaram muitos mosteiros na Alemanha, entraram no léxico do antigo alto-alemão várias palavras de origem latina referentes à vida religioso-monacal, como *monasterium* → *Münster*, *claustrum* → *Kloster*, *cruce* → *Kreuz*, *pelegrinus* → *Pilger*. À atividade docente dos monges, devem-se palavras como: *scribere* → *schreiben*, *brevis* → *Brief*. Também através dos monges entraram nomes de ervas medicinais e plantas exóticas como *Rose*, *Lilie*, *Veilchen*, e palavras relativas a atividades médicas: *archiater* → *Artz*, *mortarium* → *Mörser*.

Também a sintaxe é influenciada, pois os alemães aprenderam a ler e escrever com os latinos, já que o antigo alto-alemão não possuía tradição literária escrita. O antigo alto-alemão não chega a construir uma unidade lingüística, mantendo-se dialetalmene diferenciado,

não chegando, assim, a uniformizar as formas gramaticais e a grafia.

6.2 O médio alto-alemão

O médio alto-alemão é, conforme o autor, a língua culta dos senhores feudais, da cavalaria e dos grandes poetas da Idade Média, pois essa é a época do florescimento da literatura alemã. Representa a evolução do antigo alto-alemão e situa-se cronologicamente, entre 1050 e 1350.

O sistema morfológico do antigo alto-alemão continua evoluindo no médio alto-alemão. As vogais finais átonas foram reduzidas a um *ǣ*, causando uma transformação no sistema da flexão nominal.

Entre as alterações, destacam-se: o uso do artigo definido torna-se regra, sendo o plural igual para todos os gêneros; o adjetivo passa a ser usado anteposto ao substantivo; a comparação é feita através dos morfemas *-er*, *-est*; os pronomes pessoal e interrogativo passam a ser flexionados; o verbo fica reduzido às formas do presente, pretérito e particípio passado, mantendo a distinção entre fortes e fracos. Na sintaxe, houve as seguintes alterações: com a perda dos casos do substantivo, o artigo passa a ser usado com mais freqüência; a antiga negação *ne* em próclise ao verbo é substituída pela negação *niht*, atualmente *nicht*.

Quanto ao léxico, Bunse afirma que muitas palavras antigas foram substituídas por inovações: *aro* → *Adler*, *Kuningstol* → *Thron*. Do Latim, entram palavras como: *sceptrum* → *zepter*, *papyrus* → *papîr*. Também, palavras entram por tradução. É o caso de abundância → *Überfluß*. O léxico do médio alto-alemão recebeu forte influência da cultura de cavalaria, pelos encontros com cavaleiros franceses e provençais nas cruzadas. Assim, entram do francês palavras como: *aventure* → *âventure* > *Abenteur*, *pancier* → *panzier*

> Panzer, rime → rîm > Reim. Ainda, a influência da mística pôde ser observada desde o século XII. Os místicos tentaram descrever estados de alma e conhecer a essência da divindade revelada por esses estados. Deste modo, entraram palavras como *begreifen*, *Eigenschaft*, *Einkehr*, *einleuchten*.

6.3 Moderno alto-alemão

De acordo com Bunse, situa-se a fase inicial do moderno alto-alemão por volta de 1350 d.C. É uma fase em que já se percebem inovações na grafia de vários espaços lingüísticos. Essas inovações só serão conformadas na codificação definitiva da língua alemã por volta de 1660, quando os nivelamentos supra-dialetais chegam a tal ponto que se sobressaem os elementos principais do sistema gráfico do moderno alemão.

Fatores importantes para a evolução do moderno alto-alemão foram a expansão da arte tipográfica, desde 1470, que multiplicou a oferta de livros; a importância crescente da língua escrita por exigências sócio-econômico-administrativas; o aumento de escolas nas cidades que causou uma difusão da arte de escrever e ler; e a afirmação de uma consciência lingüística alemã condicionada pela evolução sócio-econômico-cultural e religiosa no interior do país pelo contato com as nações vizinhas.

Outro fator importante foram, desde 1520, os escritos de Lutero, devido aos seus impulsos reformatórios. Nessa fase houve a transferência de sistemas de escrita regionais para uma língua escrita supra-dialetal.

Bunse ressalta que o moderno alto alemão é caracterizado por uma série de mudanças na sintaxe e no léxico. Em 1532, ao traduzir a bíblia, Lutero dá início ao emprego da inicial maiúscula nos substantivos como elemento gramatical. Com Gottscheld (1700-1766), generalizou-

se o uso de inicial maiúscula para os substantivos. Com relação à sintaxe do moderno alto-alemão, essa baseia-se no modelo latino, sendo que foram fortes as influências das gramáticas grega, hebraica e francesa.

No moderno alto-alemão é nítida a distinção entre a oração principal e a secundária através da colocação do verbo: enquanto que, na oração principal, o verbo assume a segunda posição, na oração secundária, o verbo assume a posição final. Isso também é possível devido à ampliação do sistema de conjunções.

No que se refere ao léxico, com a ascensão da burguesia, desapareceram as expressões peculiares à cultura cavaleiresca. Nota-se, ainda, a substituição de palavras antigas por inovações como: *barn* → *Kind/ Sohn*; e a ampliação ou o estreitamento do campo semântico: *suth* (doença) → *Sucht* (vício). Além disso, entram no léxico do moderno alto-alemão, palavras dos campos cultural e econômico, devido à influência da Itália, da França e de países eslavos.

Desse modo, o moderno alto-alemão, representando a evolução do médio alto-alemão, seria resultado do nivelamento dos dialetos da Alemanha em direção a uma língua supra-dialetal.

CONCLUSÃO

Retomando a questão inicial, conclui-se que as semelhanças e diferenças que envolvem o alemão e o inglês podem ser melhor entendidas se for considerado que essas línguas possuem origem comum, mas evolução distinta. Quanto à origem, ressalta-se que, embora ambos os idiomas derivem do indo-europeu, eles pertencem a tribos germânicas diferentes. Quanto à evolução, eventos internos relativos à geografia, ao contato com a língua de outros povos e a atividades políticas e sociais, culturais e lingüísticas (como a Segunda Mutação Consonantal) determinaram alterações gramaticais e

lexicais que conferiram características próprias a ambas as línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASMUTH, Bernhard. **Grundzüge der Literatur - und Sprachwissenschaft**. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1973.

BAUGH, Albert C. e CABLE, Thomas. **A History of the English Language**. 4 ed. London: Routledge, 1993.

BUNSE, Heinrich Adam Wilhelm. **Iniciação à filologia germânica**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1983.

KOHNEN, Mansueto. **História da Literatura Germânica**. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil; Salvador: Mensageiro da Fé, 1960.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. **A língua alemã. Desenvolvimento histórico e situação atual**. São Paulo: Herder, 1963.

SOWINSKY, Bernhard. **Grundlagen des Studiums der Germanistik**. Köln: Böhlau-Verlag, 1970.

NOTAS

© Trabalho feito sob a orientação da Profª Dr Rosani U. Ketzer Umbach, vinculado ao Projeto LABLER, pelo acadêmico Márcio José Coutinho, Tutor de Ensino de Alemão no Projeto LABLER.

¹ Tradução nossa a partir do original em alemão. As demais citações desta obra também são de nossa autoria.